

UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA: QUANDO A TRADUÇÃO SE TORNA DIGITAL

AN ESSENTIAL DEBATE: WHEN TRANSLATION GOES DIGITAL



Carla Mary S. OLIVEIRA
Professora titular
Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes - Campus I
Departamento de História
João Pessoa, Paraíba, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/6118364027975117>
<https://orcid.org/0000-0002-9642-8081>
carla.mary@academico.ufpb.br

Resumo: Resenha da coletânea *When translation goes digital: case studies and critical reflections*, organizada por René Desjardins, Claire Larssonneur e Philippe Lacour, publicada em formato impresso e digital pela Palgrave Macmillan em 2021, na Suíça. A obra trata, em dez capítulos, de temas atinentes à relação entre Tecnologia e Tradução no mundo contemporâneo, incluindo os aspectos sociais envolvidos tanto no uso das novas tecnologias disponíveis nesse campo como também as influências dos contextos digitais sobre o próprio ofício do tradutor.

Palavras-chave: Tradução. Contextos Digitais. Ofício do Tradutor.

Abstract: Review of *When Translation goes digital: case studies and critical reflections*, edited by René Desjardins, Claire Larssonneur and Philippe Lacour, published in Switzerland in print and digital format by Palgrave Macmillan in 2021. The work deals, in ten chapters, with themes related to Technology and Translation in the contemporary world, including the social aspects involved both in the use of new technologies available in this field as well as the influences of digital contexts on the translator's professional reality.

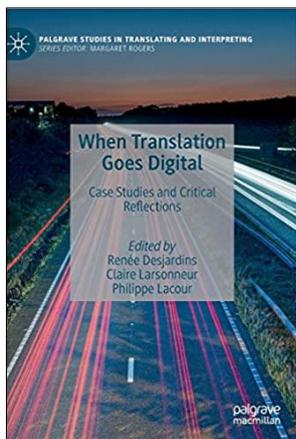
Keywords: Translation. Digital Contexts. Translator as a profession.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

DESJARDINS, Renée, LARSONNEUR, Claire, & LACOUR, Philippe (orgs.). (2021). *When translation goes digital: case studies and critical reflections*. (289 p.). Cham, Suíça: Palgrave Macmillan. [ISBN: 9783030517618 - eBook; 9783030517601 - impresso]



A presente coletânea, lançada pela Palgrave Macmillan em formato digital em dezembro de 2020 e em formato impresso em abril de 2021, teve como inspiração o simpósio temático “*When translation goes digital: social, legal and economic issues*”, desenvolvido como parte do IATIS 2018, o 6º congresso mundial da IATIS – International Association of Translation and Intercultural Studies, realizado entre 3 e 6 de julho de 2018 na Universidade Batista de Hong Kong.¹ Organizada pelos professores Renée Desjardins, Claire Larssonneur e Philippe Lacour, que também coordenaram o simpósio em Hong

Kong, a obra traz alguns dos trabalhos discutidos no evento, aqui apresentados de forma mais aprofundada, e também textos de outros pesquisadores que foram convidados a se juntar ao debate iniciado no simpósio por conta da proximidade de seus campos de interesse dentro dos Estudos da Tradução.

Segundo os organizadores, o objetivo original do simpósio, durante o evento, “era explorar como o cenário digital estava impactando a tradução e os Estudos da Tradução, de forma ampla e específica” (Desjardins et al., 2021, p. 1, tradução nossa).² Para eles, aquilo que pode ser nomeado de “ruptura digital” teve impactos significativos em toda a indústria da Tradução e também no amplo campo abarcado pelos Estudos da Tradução, já que todas as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais se viram, a partir da mudança para o século XXI, cada vez mais “moldadas pelos avanços computacionais e digitais, o que levou alguns pesquisadores e comentaristas a defender abordagens humanísticas digitais críticas” (Desjardins et al., 2021, p. 2, tradução nossa).³ Tal foco desejado para a abordagem dos textos, portanto, já estava presente na chamada de trabalhos do simpósio, lançada ainda no primeiro semestre de 2017.⁴

Alguns pontos a se destacar sobre a obra, antes de tratar de forma mais detalhada cada um de seus capítulos, é que ela apresenta uma série de estudos de caso conectados pelo tema abrangente da tradução em contextos digitais, percebendo-se que houve, por parte de seus organizadores, a preocupação de examinar a diversidade do cenário e da indústria da tradução, já que foram incluídos capítulos tratando de realidades vivenciadas em culturas de idiomas não ocidentais, como japonês, coreano e árabe.

Desse modo, a obra reúne estudos de caso de diferentes contextos que exploram de que maneira uma paisagem digital em rápida evolução está impactando a tradução e a comunicação intercultural. Os capítulos examinam as diferentes facetas da digitalização, com especial atenção para a compreensão de como os tradutores profissionais utilizam as ferramentas digitais e por quais motivações, além dos tipos de dados digitais que os estudiosos da Tradução podem agora observar, bem como os impactos das Humanidades Digitais no modo como se ensina e se teoriza a tradução numa era de crescimento e disseminação da automação e da inteligência artificial. O volume abarca, portanto, um amplo espectro profissional e acadêmico, com autores oriundos de Hong Kong, Canadá, França, Argélia, Coreia do Sul, Japão, Brasil e Reino Unido.

Sendo uma coletânea organizada em três partes, a saber: “Redefining Human Agency” (“Redefinindo o Agenciamento Humano”), “Social Platforms and Social Implications” (“Plataformas Sociais e Implicações Sociais”) e “Markets, Professional Practice, and Economic Implications” (“Mercados, Prática Profissional e Implicações Econômicas”), seus textos se articulam no sentido de partir da própria ação do tradutor como profissional que tem que lidar com a crescente automação de suas ferramentas de trabalho para, então, construir o pensamento teórico sobre o campo, a partir de pesquisas empíricas.

O primeiro bloco de textos é iniciado por “Human and Non-Human Crossover: Translators Partnering with Digital Tools”, de Iulia Mihalache, que parte da discussão dos impactos da tecnologia sobre o comportamento humano para tentar mostrar que ela pode ser uma parceira, inclusive com o uso da realidade aumentada e de ferramentas que se tornem simbióticas com o profissional de tradução. Assim, Mihalache sustenta que se torna necessária uma parceria entre os tradutores e os profissionais de TI, no sentido de desenvolvimento de tais ferramentas em meio a uma cultura de inovação. Mais do que afastar o temor generalizado de que no futuro os profissionais da tradução sejam substituídos pelas *CAT Tools*, a autora afirma que há a perspectiva de uma atuação sinérgica entre tradutores e máquinas.

O capítulo “Subtitlers’ Visibilities on a Spectrum in the Digital Age: A Comparison of Different Chinese Translations of The Big Bang Theory”, de Boyi Huang, parte da análise do fenômeno do *fansubbing* de uma série de TV a cabo norte-americana muito popular – The Big Bang Theory – para discutir diferentes efeitos advindos de diferentes configurações de tradução – entendidas por Huang como os modos de execução da tarefa tradutória, se individual ou colaborativa –, e como os tradutores/legendadores podem capitalizar a tecnologia digital em graus diversos, gerenciando suas visibilidades de maneira múltipla, gerindo-a de acordo com

sua inserção no mercado. Para isso, são comparados tradutores que atuam profissionalmente junto à Warner Bros. e ao grupo de *fansub* YYeTs, tendo como objeto a referida série. O autor consegue demonstrar que esses *fansubbers*, ao estabelecerem práticas que fogem aos padrões da indústria e criarem uma rede colaborativa, modificando o uso do espaço na tela, propiciaram maior compreensão do material legendado aos telespectadores, ao mesmo tempo em que aumentaram sua visibilidade como tradutores ao assinarem suas legendas.

O texto de Gabriel Tremblay-Gaudette, “You Can’t Go Home Again: Moving *afternoon* Forward Through Translation”, encerra a primeira parte da coletânea e trata de uma discussão sobre *afternoon, a story*,⁵ romance de Michael A. Joyce de 1986 publicado em 1990. A ideia principal do romance é a conexão de trechos não lineares de texto, baseados em um software que faz o livro funcionar. Portanto, o artigo discute a função do tradutor ao agir profissionalmente, traduzindo o texto do romance, mas, também, a lógica de interação rizomática de tais fragmentos textuais, em conjunto com o programador que esteja fazendo adaptações no software do romance. Torna-se necessário mapear a estrutura narrativa, as conexões possíveis no enredo, os desfechos randômicos, e passar essas alternativas todas ao profissional de TI que fará as adaptações no software. A tradução, nesse caso, torna-se trabalho de equipe entre o saber humanístico e o tecnológico. A questão principal colocada por Tremblay-Gaudette diz respeito à interferência do tradutor no texto, durante o processo de tradução, tendo em vista a necessidade de atualização de termos/contextos devido à obsolescência tecnológica do original, de 1986 – e que poderia até ser questionada, em meu entendimento, haja vista a possibilidade de o tradutor desejar marcar historicamente o material traduzido.

A segunda parte da coletânea, formada por quatro capítulos e focada nas implicações sociais das plataformas sociais, é aberta pelo texto de Abdulmohsen Alonayq, “Narrating Arabic Translation Online: Another Perspective on the Motivations Behind Volunteerism in the Translation Sector”, que aborda como as tarefas de tradução baseadas nos modelos de *crowdsourcing* e nas plataformas colaborativas, mídias sociais e outros aplicativos baseados na web se multiplicaram atrelados a uma demanda crescente por conteúdo produzido em idiomas não hegemônicos. Nesse sentido, o foco do texto é voltado à realidade das organizações de tradução voluntária, onde não há a expectativa do retorno monetário, mas onde a motivação dos tradutores voluntários – no caso, os falantes do árabe – advém de perspectivas diversificadas, presentes em diferentes projetos de tradução colaborativa. Utilizando uma metodologia sicionarrativa na abordagem de seu objeto, Alonayq tenta desconstruir os

discursos paradigmáticos tradicionais dentro dos Estudos da Tradução acerca dos tradutores de origem árabe e suas motivações, especialmente daqueles ligados ao trabalho voluntário, destacando que questões como o engajamento político e a desconstrução de narrativas tradicionais sobre o mundo árabe devem ser considerados ao se estudar tais contextos de tradução e a atuação e inserção profissional desses tradutores. No entanto, o autor destaca uma premissa importante utilizada por esses sites/plataformas de conteúdos não hegemônicos: o fato de que não há, com efeito, estatísticas confiáveis que sustentem sua alegação de que há essa escassez de conteúdo. Mesmo assim, essa narrativa é amplamente difundida, de modo a arregimentar tradutores voluntários que dediquem tempo e esforço pessoal no sentido de enriquecer o conteúdo digital disponível em árabe.

No quinto capítulo da obra, “Are Citizen Science ‘Socials’ Multilingual? Lessons in (Non)translation from *Zooniverse*”, de Renée Desjardins, o foco da discussão incide sobre o contexto de crescente hegemonia da língua inglesa na literatura científica, especialmente no campo das Humanidades Digitais, o que implica num anglocentrismo de termos e referências lexicais que, em seu entendimento, cria assimetrias na circulação do conhecimento a partir do momento em que tais expressões e a imposição de um “inglês acadêmico” para a publicação de artigos em periódicos e apresentações em eventos cria barreiras e dificuldades profissionais para estudantes e pesquisadores não falantes do inglês. No seu entendimento, esse contexto sempre demanda que tais sujeitos enfrentem variados níveis de estresse emocional e profissional por recorrentemente necessitarem demandar serviços de tradução e/ou interpretação a fim de proporcionar visibilidade internacional a suas pesquisas. Tendo como exemplo uma plataforma online de pesquisas sobre preservação do meio ambiente, *Zooniverse*, e após realizar uma revisão bibliográfica que também indicou a necessidade de se continuar a problematizar o domínio do inglês como língua de produção e divulgação do conhecimento científico, Desjardins afirma que, mesmo num ambiente virtual que se pretende como de “ciência cidadã”, há uma certa ausência de tradução para outros idiomas a partir do inglês e, portanto, uma inexistência de uma desejável comunicação multilíngue, o que apoia sua hipótese de viés anglocêntrico mesmo neste ambiente mais participativo e igualitário. Desjardins destaca que prova disso é o fato de que apesar de existirem 132 projetos disponíveis na plataforma, apenas nove deles foram traduzidos para um total de 15 idiomas. Embora isso possa parecer uma indicação de diversidade linguística, na verdade significa que apenas 6% dos projetos do *Zooniverse* estão disponíveis em outro idioma que não seja o inglês.

Daniel Henkel e Philippe Lacour são os autores de “Collaboration Strategies in Multilingual Online Literary Translation”, onde abordam o *TraduXio*,⁶ um ambiente colaborativo gratuito, de código aberto e baseado na web para tradução assistida por computador, cuja maior característica consiste em ser uma base multilíngue e, por isso mesmo, propícia à interação de profissionais oriundos de diferentes culturas. Nesse sentido, o objetivo do texto é perceber a funcionalidade de tal tipo de plataforma entre pós-graduandos nas áreas de Estudos da Tradução, Linguística e Literatura Comparada nas Universidades da Califórnia em Berkeley, Paris 8 e Florença. Os resultados mostraram que a inabilidade dos estudantes em lidar com a plataforma e o ambiente colaborativo de tradução comprometeram os resultados finais, o que pode não representar a realidade dinâmica dos profissionais de tradução. A fuga desses estudantes para outras soluções de contato dentro do grupo de trabalho, como Google Docs ou WhatsApp, que é relatada no estudo, quando não conseguiam lidar com a plataforma, foge às situações com que profissionais da tradução têm que lidar em seu cotidiano por contrato, pois normalmente estes lidam com plataformas específicas nas quais desenvolvem seu trabalho colaborativo, sem poder recorrer a ferramentas externas por questões de confidencialidade. No meu ponto de vista, o texto traz um estudo de caso que pouco contribui para se entender a dinâmica da tradução colaborativa por meio de plataformas online, justamente por tratar de uma situação fabricada e controlada, e não do mundo real.

6

Em “Translating Korean Beauty YouTube Channels for a Global Audience”, Sung-Eun Cho e Jungye Suh examinam a tradução feita em canais coreanos do YouTube por meio de entrevistas aprofundadas com operadoras de redes multicanais, que gerenciam tais traduções para realizar ações comerciais e de marketing. O estudo mostra como as legendas geradas a partir do YouTube Creator são sensivelmente diferentes daquelas veiculadas em materiais audiovisuais convencionais: o conteúdo automático do YouTube difere na seleção do tema, voz, tom, estilo de produção e duração. Desse modo, as autoras ponderam que as legendas geradas na plataforma devem refletir a natureza coletiva do meio para satisfazer os hábitos de visualização dos usuários e proporcionar uma melhor compreensão dos conteúdos de origem coreana, sendo necessário agregar novas estratégias de tradução de legendas à plataforma. Elas conseguem identificar que há um tipo de “transferência” de usos comuns do texto nas redes sociais para a legendagem, como neologismos, gírias específicas, emoticons, uso livre de sinais de pontuação e transcrições criativas, tudo no sentido de promover o engajamento do público global e entretê-lo por meio de uma linguagem “bem-humorada” e “jovem”.

A terceira parte da coletânea, “Markets, Professional Practice, and Economic Implications”, é composta por três capítulos e está focada em questões mais ligadas à prática profissional e ao mercado de tradução. Em “The Reception of Localized Content: A User-Centered Study of Localized Software in the Algerian Market”, a preocupação de Merouan Bendi é analisar os aspectos desumanizadores da localização e a desvalorização dos tradutores neste processo, abordando o contexto argelino e a localização de softwares em árabe, a partir de uma prospecção sobre sua aceitação no mercado local, em contraposição aos produtos existentes em inglês ou outros idiomas ocidentais. Como resultado, seu estudo demonstrou que o conteúdo localizado pode ser rejeitado por motivos ideológicos, mas um trabalho de tradução e localização que leve em consideração a ética e que respeite aspectos específicos das culturas e sociedades multilíngues pode ajudar a proteger as minorias marginalizadas na Argélia. Um aspecto interessante de seu texto foi abordar de forma específica os usuários de softwares localizados, que por meio de pesquisa indicaram problemas na tradução de comandos, o que quase sempre representa a maior dificuldade no uso das versões localizadas, juntamente com a inadequação cultural de alguns conteúdos. Certamente o uso de uma amostra de pesquisa mais abrangente teria fornecido resultados mais robustos ao estudo, mas sem dúvida ele aponta linhas de força significativas para discussão sobre o tema.

7

No capítulo seguinte, “The Value of Translation in the Era of Automation: An Examination of Threats”, Akiko Sakamoto analisa o cenário atual e seus possíveis desdobramentos, em que inovações como Inteligência Artificial (AI), Internet das Coisas (IoT), Big Data e computação na nuvem podem interferir significativamente e de forma extremamente negativa no campo de trabalho dos tradutores, especialmente por meio dos avanços da tradução automática (MT). Uma das principais conclusões da autora é que o avanço tecnológico requer práticas profissionais adequadas e éticas, para que a tecnologia beneficie os seres humanos em todos os aspectos, inclusive preservando ocupações ou adequando-as a novos cenários, e isso não se dá de forma diferente com os tradutores. Embora a autora identifique a existência de uma valorização simbólica da tradução humana, devido à percepção geral de que tal atividade é complexa e envolve esforço considerável, ela também considera que num futuro próximo algumas áreas – especialmente aquelas ligadas ao conhecimento médico, jurídico, de patentes e TI – demandarão cada vez mais tradução automática, enquanto que aquelas ligadas à interação com o público – como o marketing, o entretenimento e a política – ainda irão requerer a intervenção do profissional de tradução, por conta dos fatores culturais e do contexto intrínseco envolvido em cada situação específica.

Fechando a coletânea, Claire Larssonneur parte da premissa, em “Neural Machine Translation: From Commodity to Commons?”, de que o recente advento e popularização de plataformas gratuitas de tradução instantânea, como o DeepL e o Google Translate, desafiam o modelo de negócios da tradução tradicional e sua representação, abrindo caminho para uma ruptura nas relações e nas formas de trabalho dos profissionais do campo, bem como na maneira como tais serviços são demandados. Nesse sentido, a autora atribui particular importância à relação da tradução por meio da utilização das tecnologias de Inteligência Artificial (AI) com esse contexto de novas relações de trabalho, uma vez que a Tradução Automática Neural (NMT) depende dessas tecnologias e está intimamente ligada a outros algoritmos de processamento de texto ou conteúdo. No entendimento de Larssonneur, a introdução da NMT altera significativamente a realidade dos tradutores ao impactar a autoria e a confiança na prática de tradução. O uso da NMT também contribui para promover o modelo de oligopólio marginal, no qual algumas poucas grandes empresas controlam o mercado e as máquinas de tradução automática online cada vez mais substituem os seres humanos na produção e circulação de conteúdo traduzido. Para Larssonneur, “se alguém concorda que a língua não é uma mercadoria, mas sim um bem comum, torna-se urgente evitar a crescente invisibilidade da Tradução” (2021, p. 276, tradução nossa).⁷ Mas talvez a discussão mais instigante nesse capítulo esteja no fato de que sua autora destaca que a maior parte das pesquisas sobre NMT são desenvolvidas nos Estados Unidos e na China, e que essa realidade levanta preocupações sérias quanto à violação da privacidade dos usuários, censura à circulação de dados e informações e, dentro do atual contexto mundial, a grande possibilidade de propagação indiscriminada de informações falsas pela internet. Além disso, no que se refere aos aspectos legais da tarefa tradutória, não existe ainda algum tipo de atribuição de responsabilidade humana por consequências ou eventos decorrentes de possíveis imprecisões, falta de confiabilidade ou erros de tradução num contexto de utilização de AI ou NMT, e essa também é uma questão destacada por Larssonneur.

Analisando a obra como um todo, é possível afirmar que, a partir de uma perspectiva que não nega o fato de que a tecnologia se torna cada vez mais incorporada na pesquisa e prática da tradução, seus organizadores buscaram reunir pesquisadores experientes e ainda em formação, juntando diferentes perspectivas culturais que, ao focar seus estudos em subcampos que usualmente não são muito abordados ou divulgados nos Estudos da Tradução, permitem a abertura do campo para uma discussão estimulante e perspicaz sobre a dinâmica social e cultural que continua a informar e transformar sua teoria e sua prática, mas agora

contextualizada digitalmente, voltada para os desafios contemporâneos e para o potencial de as tecnologias digitais aumentarem as capacidades de trabalho e colaboração dos tradutores nessa nova realidade, sem deixar de atentar para questões candentes como uma possível padronização futura das línguas como consequência da prevalência do uso das novas tecnologias de tradução (NMT e AI), com a colonização digital do inglês e uma trágica extinção digital de línguas periféricas tidas como “menores”.

Portanto, se pode afirmar que os textos presentes na coletânea cumprem sua proposta de analisar, de forma crítica, de que modo as hoje chamadas Humanidades Digitais impactam tanto a Tradução como ofício, mas também os Estudos da Tradução como disciplina. Pelo fato de seus organizadores terem buscado reunir autores de diferentes regiões ao redor do mundo, puderam propiciar aos leitores um painel desse contexto em locais nem sempre presentes nas discussões acadêmicas, o que torna sua leitura mais relevante a fim de se conhecer realidades fora do *mainstream* ocidental. Contudo, há que se destacar que todos os estudos apresentados na coletânea são ou de recorte limitado, ou se encontram em estágio inicial, o que denota a necessidade de ampliar o escopo desses tipos de análise nesse campo de estudo, quer seja pela inclusão de novas regiões periféricas em tais pesquisas, quer seja pela ampliação das amostras ou, ainda, por um período maior de acompanhamento das implicações que as tecnologias digitais e a AI podem acarretar para a prática da Tradução e mesmo para os Estudos da Tradução.

9

REFERÊNCIAS

Desjardins, R., Larsonneur, C., & Lacour, P. (2021). *When translation goes digital: case studies and critical reflections*. Palgrave Macmillan.

¹ O site do evento ainda pode ser acessado pelo link <https://www.iatis.org/index.php/6th-conference-hong-kong-2018>.

² No original: “The panel’s purpose was to explore how the digital landscape was impacting translation and Translation Studies (TS), broadly and specifically” (Desjardins et al., 2021, p. 1).

³ No original: “research in the Humanities and Social Sciences has been undeniably and increasingly shaped by computational and digital advances, which has led some researchers and commentators to advocate critical digital humanistic approaches” (Desjardins et al., 2021, p. 2).

⁴ Disponível em: <https://easychair.org/cfp/iatis2018panel4>. Acesso em: 04 abr. 2022.

⁵ Escrita com a minúscula ‘a’, essa obra de literatura eletrônica lançada de início na web e publicada fisicamente apenas em 1990, pela Eastgate Systems, em disquetes, é conhecida como um dos primeiros trabalhos de ficção em hipertexto na língua inglesa.

⁶ Disponível em: <https://traduxio.org/>. Acesso em: 30 mar. 2022.

⁷ No original: “If one agrees that language is not a commodity but rather a common good, then it becomes urgent to prevent the increasing invisibility of Translation” (Desjardins et al., 2021, p. 276).